

Visão de Professores Surdos sobre a Oficialização da Escrita de Sinais no Brasil

Deaf Teachers' Views on the Officialization of Sign Writing in Brazil

Renato Jefferson Bezerra Leão Gregorio
Universidade Federal do Tocantins

Carlos Roberto Ludwig
Universidade Federal do Tocantins/CNPq

Resumo: Esta pesquisa discute a implantação da política linguística da escrita de língua de sinais no Brasil, considerando que não há uma legislação que regulamente a escrita de sinais para a Libras. Além disso, pretende-se verificar, com os professores de Letras: Libras, a possibilidade de se adotar um único sistema de escrita de sinais para a Libras, uma vez que há quatro propostas de sistemas de escritas de sinais no Brasil: SignWriting (SW), Sistema de Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), Sistema de Escrita para Línguas de Sinais (SEL) e Escrita Visogramada das Línguas de Sinais (VisoGrafia). O objetivo da pesquisa é investigar o uso e a difusão de sistema de escrita de língua de sinais, a partir da visão de professores de escrita de sinais. A pergunta da pesquisa é esta: Qual a percepção dos professores sobre a necessidade de oficialização de um sistema de escrita? Esta pesquisa é um estudo de caso que analisa a perspectiva de professores de universidades das cinco regiões do Brasil. Será adotada também a pesquisa bibliográfica e documental, visto que está relacionada com o objetivo dessa pesquisa. Foram entrevistados professores da UFAM, UFSC, UFPE, UFMG e UnB. Os entrevistados argumentam que é necessário adotar um único sistema de escrita de sinais do Brasil, bem como este sistema deve ser difundido nos diversos espaços sociais, educacionais e de acesso à informação. Todos os informantes defendem que o sistema *SignWriting* deve ser oficializado como único sistema de escrita de sinais no Brasil, porque se trata do sistema mais difundido no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Políticas Linguísticas; Planejamento e Implementação Linguística; Oficialização e Padronização de Escrita de Sinais; Libras; *SignWriting*.

Abstract: This research discusses the implementation of the linguistic policy for sign language writing in Brazil, considering that there is no legislation regulating sign writing for Libras. In addition, it aims to verify, with Libras teachers, the possibility of adopting a single sign writing system for Libras, since there are four proposed sign writing systems in Brazil: SignWriting (SW), Sign Language Writing System (ELiS), Sign Language Writing System (SEL) and Visogrammed Writing of Sign Languages (VisoGrafia). The objective of the research is to investigate the use and dissemination of sign language writing systems, from the perspective of sign writing teachers. The research question is: What is the teachers' perception of the need to officialize a writing system? This research is a case study that analyzes the perspective of university professors from the five regions of Brazil. Bibliographic and documentary research will also be adopted, since it is related to the objective of this research. Professors from UFAM, UFSC, UFPE, UFMG and UnB were interviewed. The interviewees argue that it is necessary to adopt a single sign writing system in Brazil, and that this system should be disseminated in various social, educational and information access spaces. All informants defend that the SignWriting system should be made official as the only sign writing system in Brazil, because it is the most widespread system in Brazil and in the world.

Key-words: Language Policies; Language Planning and Implementation; Officialization and Standardization of Sign Writing; Libras; SignWriting.

Submetido em 03 de julho de 2024.

Aprovado em 20 de dezembro de 2024.

Introdução

Os alunos ouvintes têm acesso à educação através de sua língua de forma confortável, ou seja, a língua portuguesa. Quando o aluno ouvinte aprende a ler e escrever em língua portuguesa na escola, consegue desenvolver suas potencialidades cognitivas de forma plena. Entretanto, os alunos surdos usam a Libras como primeira língua e, na maioria das vezes, entram na escola, aprendem a ler e escrever numa língua diferente da que ele utiliza em sua modalidade “oral”. Ou seja, os surdos utilizam uma língua em sua comunicação diária e outra quando escrevem, o que Capovilla (2000) chama de *descontinuidade* entre sinalização e escrita. Esses sujeitos têm experiências e conhecimento sobre os sistemas de escrita de sinais no Brasil e necessitamos demonstrar qual sistema pode ser oficializado no Brasil: SW, ELiS, SEL e VisoGrafia.

Esta pesquisa é um estudo de caso envolvendo professores de universidades das cinco regiões do Brasil. Foram entrevistados professores da UFAM, UFSC, UFPE, UFMG e UnB. Segundo André (1995), o estudo de caso coletivo é adequado para entender um problema envolvendo mais de uma unidade, pois o pesquisador não se concentra em um único local, mas em contextos diferentes. Neste caso, serão cinco universidades brasileiras para verificar posicionamentos distintos dos professores de escrita de sinais. A proposta é entender a problemática da escrita de sinais através de diferentes perspectivas de docentes.

Além disso, será adotada a pesquisa bibliográfica e documental (Gil, 2008), porque está relacionada com o objetivo dessa pesquisa que analisará o estudo de documentos de maneira geral e obras sobre as políticas linguísticas no Brasil. Nesse sentido, serão analisados os PPCs e as ementas de cursos de Letras: Libras de universidades públicas brasileiras.

Oficialização de Línguas de Sinais e Escrita de Sinais

Cada nação determina, em geral, a oficialização de uma língua ou, em raros casos, mais línguas para comunicação em todos os contextos sociais. No Brasil, a língua portuguesa é a língua oficial do Estado. Segundo a Constituição de 1988, artigo 13: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.” (Brasil, 1988). No entanto, o *status* de língua oficial do português em relação a outras línguas cria uma situação de hegemonia e prevalência linguística, ao passo que as outras línguas faladas e sinalizadas no Brasil são vistas como línguas minorizadas. Nesse sentido, Lagares (2018) argumenta, em relação à Constituição Federal, que

No artigo 210 é que se estabelece a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa como veículo do ensino regular fundamental, com a única exceção das “línguas maternas” das comunidades indígenas, às quais se garante também o direito de terem processos próprios de aprendizagem.

Esse ponto do texto constitucional não contempla nem a comunidade surda nem as comunidades que falam línguas de imigração. (Lagares, 2018, p. 77)

Nesse sentido, pode-se discutir o papel do Estado brasileiro em determinar uma política linguística monolíngue que favorece apenas uma língua oral, embora as comunidades indígenas possam ter o acesso à escolarização em sua língua local. Por outro lado, a Libras e a comunidade surda possuem um *status* de língua de reconhecimento, sem ter, como no artigo 210, o mesmo destaque que as línguas indígenas. Embora exista uma legislação específica sobre a Libras, esta língua de sinais não passa pelo texto constitucional e está à margem de uma política oficializadora. Nesse sentido, Lagares ressalta que

é nos artigos referentes ao reconhecimento da diversidade cultural brasileira que se pode identificar um tímido compromisso do Estado com as realidades linguísticas coexistentes em seu território, embora esses compromissos não tenham dado lugar a desenvolvimentos políticos concretos na legislação federal. (Lagares, 2018, p. 77)

Nesse sentido, a diversidade linguística do Brasil fica em situação desfavorável em relação às políticas que oficializem essas línguas. O *status* de reconhecimento linguístico, com é o caso da Libras, acarreta limitações no planejamento e implementação linguística, visto que agentes públicos podem não valorizar a Libras como língua de acesso ao conhecimento e informação pela comunidade surda brasileira. Esse cenário traz prejuízos consideráveis ao povo surdo no Brasil.

Dois casos interessantes que oficializam suas línguas nacionais e locais são a Bolívia e a Finlândia. Segundo Lagares (2018),

Encontramos na Bolívia um exemplo mais recente, e mais próximo do Brasil, de aplicação do *princípio de territorialidade*. A Constituição de 2009 declara o país um Estado plurinacional e oficializa 36 línguas junto com o castelhano: Aymara, Araona, Baure, Bésiro, Caninana, Cavineño, Cayubaba, Chácobo, Chimane, Ese ejja, Guaraní, Guarasu'we, Guarayu, Itonama, Leco, Machajuyai-kallawaya, Machinei, Maropa, Mojeño-Trinitario, Mojeño-Ignaciano, Moré, Mometén, Movima, Pacawara, Puquina, Quechua, Sirionó, Tacana, Tapiete, Toromona, Uru-Chipaya, Weenhayek, Yaminawa, Yuki, Yuracaré e Zumuco (Bolívia CPE Plurinacional, 2009, p. 15). Também se estabelece na Constituição que todos os funcionários públicos devem ser proficientes em duas línguas oficiais do país. (Lagares, 2018, p. 75).

Nesse sentido, a política linguística nacional da Bolívia favorece um ambiente multilíngue. Apesar desta determinação da Constituição Boliviana, a língua de sinais boliviana não é considerada uma língua oficial no país. No entanto, a política linguística nacional da Bolívia favorece uma diversidade linguística e cultural significativa para diversas línguas. Essa política linguística plurinacional pode ser um bom exemplo de como diversas línguas podem

assumir *status* linguístico oficial dentro de um Estado nacional. Esta política, no âmbito educativo, segundo Lagares (2018), é bastante positiva:

No aspecto educativo, se estabelece, além do direito de todo mundo a uma educação intercultural em sua própria língua, o dever do falante monolíngue em castelhano de aprender o outro idioma oficial da região, como segunda língua. Se trata, portanto, de uma política linguística ambiciosa que faz uso da força da lei, a fim de contribuir para romper estruturas sociais que provocam desigualdade e construir uma nova sociedade nacional com base no diálogo intercultural. (Lagares, p. 76).

Nesse sentido, o acesso à educação, bem como ao conhecimento, é possível na língua do falante devido ao *status* de língua oficial atribuído a estas línguas. Outro exemplo, é a Índia que possui a Lei das Três Línguas.¹ Esta Lei determina que todo o cidadão indiano deve saber hindí, inglês e uma terceira língua regional. Como se nota, o Estado intervém de maneira incisiva nas políticas linguísticas indianas, estimulando o multilinguismo no país.

Com estes exemplos, pode-se discutir a realidade multicultural e multilíngue do Brasil. Em particular, a Libras detém o *status* de língua de reconhecimento, mas não de língua oficial do Estado Brasileiro. Caso o fosse, os falantes ouvintes de português seriam estimulados a estudar a Libras como segunda língua. Além disso, todos os espaços públicos, meios de comunicação, educação, a difusão de conhecimento dentre outros seriam obrigados a usar a Libras como língua de comunicação.

Além disso, não se pode esquecer que uma língua oficial requer uma escrita. Nesse sentido, uma língua de sinais que venha a ter o *status* de língua oficial enfatizará a necessidade de se adotar um sistema de escrita para difusão de informações nesta língua. A difusão da Libras em vídeo-registro não é a única alternativa possível para esta língua. A escrita de sinais é uma alternativa que possibilita a divulgação de conhecimento, sobretudo em contextos em que acesso à internet e a recursos tecnológicos para vídeo-registro podem ser limitados. Nesse sentido, tanto a oficialização da Libras, como de um sistema de escrita de sinais favorece a difusão da língua, bem como o acesso ao conhecimento e a diversos serviços públicos para a comunidade surda, são necessários.

No caso da Libras, ainda há uma restrição que a Lei 10.436/2002 impõe à modalidade escrita da Libras. Ou seja, o Art. 4º, Parágrafo Único, determina que “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.” (BRASIL, 2002). Novamente, essa situação da Libras e do português é o que Lagares (2018) nomeia como

¹ Sobre a Lei das Três Línguas ou, inglês, Three Language Formula, acesse, por exemplo, o site <https://prepwithharshita.com/three-language-formula/>

bilinguismo desigual. Assim, a proposta desta tese é discutir e propor que um único sistema de escrita de sinais seja utilizado como forma de comunicação escrita da Libras. Esta proposta, porém, não exclui ou elimina a modalidade escrita portuguesa, pois a comunidade surda pode aprendê-la de forma mais eficaz junto com a escrita de sinais. Contudo, em contextos de ensino e aquisição de duas línguas distintas – Libras e Língua Portuguesa – a escrita de sinais favorece o desenvolvimento dessas línguas, conforme já foi pontuado por Stumpf (2005).

Portanto, o sistema de escrita de sinais que pode ser utilizado na forma escrita da Libras é o *SignWriting*. Este sistema é difundido em vários estados brasileiros, principalmente pela criação do curso de Letras: Libras EAD em 2006 e 2008, que foi aberto em 15 polos de ensino de ensino em todo o Brasil. Com o surgimento deste curso, o sistema de escrita de sinais *SignWriting* foi difundido em todo o Brasil, conforme já pontuado anteriormente na pesquisa de Leão (2019a). Assim, esta tese de doutorado apresenta uma proposta de oficialização e padronização do sistema de escrita de sinais *SignWriting* para registro e difusão da Libras em sua forma escrita.

Análise das Entrevistas

A seguir, apresentamos os dados das entrevistas com cinco professores surdos de escrita de sinais. A princípio, a proposta era entrevistar cinco professores surdos das cinco regiões brasileiras que ensinem diferentes sistemas de escrita de sinais. No entanto, encontramos professores surdos que ensinem o sistema *SignWriting*. Os outros sistemas – EliS, SEL e VisoGrafia – são ensinados por professores ouvintes. A preferência por professores surdos é porque a Libras e a escrita de sinais é a primeira língua dos surdos e a conhecem profundamente, além da perspectiva surda perpassada por sua cultura e identidade. Por isso, os surdos devem assumir essa discussão sobre a escrita de sinais para fazer uma escolha segura e consciente de qual sistema de escrita de sinais que os surdos querem usar. Nas entrevistas, os professores surdos entrevistados conhecem algumas informações sobre os outros sistemas de escrita de sinais.

Experiência Docente em Escrita de Sinais

A primeira pergunta da entrevista é a seguinte: *Há quanto tempo você trabalha na sua universidade com escrita de sinais?* Nessa pergunta, os informantes responderam:

Azul - Sim, na Universidade Federal Minas Gerais, mas não tinha conhecimento profundo de escrita de sinais, porque eu parei e não pratiquei mais. Então eu aceitei trabalhar com escrita de sinais, porque me deram várias disciplinas com foco em escrita de sinais e eu tive que aceitar, por isso voltei a praticar e ler a escrita de sinais. Mas, no passado, no curso de Letras: Libras na UFSC, eu

gostava de escrita de sinais, o curso era presencial, não era polo EAD. Eu não tinha afinidade com a escrita de sinais, mas, quando eu vi, eu gostei e fiquei interessado na escrita de sinais. Depois de me formar, outros surdos tentaram fazer pós-graduação e mestrado relacionado com escrita de sinais, mas eu não. Mas eu gosto sim, eu apoio que se ensine escrita de sinais para as crianças surdas, elas precisam começar a aprendê-la e adquiri-la. Na minha universidade, o curso é novo e tem poucos professores. Nem todos têm experiência com a escrita de sinais, então me deram as disciplinas de escrita de sinais. Ensinei escrita de sinais I e agora estou ensinando escrita de sinais II, não tem escrita de sinais III conforme o PPC. O sistema usado é o SignWriting.

Verde - Minha experiência com escrita de sinais é mais projetos e cursos de extensão, porque troca sempre professores de escrita de sinais. Já faz 13 anos de experiência com escrita de sinais desde quando entrei no curso de Letras: Libras. Mas antes tive algumas informações sobre escrita de sinais, eram bem básicas, não eram profundas.

Cinza – Entrei na universidade em 2015, agora já são 8 anos. Comecei em 2020 a ensinar a disciplina de Escrita de sinais. A professora que dava a disciplina se afastou para mestrado e eu me deu a disciplina, que eu aceitei. Estudei o sistema *SignWriting*.

Rosa – Já trabalho há sete anos na UnB. Já faz dois anos que trabalho com escrita de sinais.

Vermelho – Trabalho na UFPE desde 2012. (Entrevistas semiestruturadas)

Como se observa, os professores entrevistados já têm experiência e sentem segurança ao ensinar o sistema *SignWriting*. O informante Azul relata que não fez pós-graduação ou mestrado sobre escrita de sinais, mas gosta de ensinar. Como há poucos professores na universidade que têm experiência em escrita de sinais, esse informante assume essas disciplinas. O informante Verde tem mais anos de experiência com escrita de sinais aprendendo ou ensinando.

O professor Azul destaca também que é importante ensinar escrita de sinais desde cedo para as crianças. Segundo Capovilla (2000), a criança surda precisa ter acesso ao sistema de escrita de sinais para favorecer o desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento da escrita. Stumpf (2005) argumenta que crianças surdas precisam ter acesso ao aprendizado da escrita de sinais para consolidar a educação bilíngue de surdos. Os informantes Cinza, Rosa e Vermelho também possuem larga experiência em ensino no curso de Letras: Libras com a disciplina de escrita de sinais.

Nesse mesmo sentido, a pergunta 2 aborda o tempo de experiência como professor de escrita de sinais: *Há Quanto tempo você dá a disciplina de escrita de sinais?* Os professores deram as seguintes respostas:

Azul – Eu já tive experiência antes, foi o curso de Letras: Libras da UFSC.

Verde – São 13 anos de trabalho com escrita de sinais.

Cinza – Já faz 4 anos.

Rosa – São 2 anos.

Vermelho – Faz 9 anos. (Entrevistas semiestruturadas)

O informante Azul fala que só teve experiência no curso de Letras: Libras, mas não antes de entrar na universidade. O professor Verde tem mais experiência com a escrita de sinais, somando 13 anos. É importante que se invista na formação de qualidade de professores de

escrita de sinais, principalmente nos cursos de Letras: Libras que formam professores para a educação de surdos. Os informantes Cinza e Rosa possuem quatro e dois anos, respectivamente. Já o informante Vermelho possui nove anos de experiência com escrita de sinais. Como se observa, possuem experiência no ensino de escrita de sinais. Por isso, possuem condições de contribuir com sugestões e com sua perspectiva sobre a política linguística em escrita de sinais.

A pergunta 3 tem por objetivo verificar a experiência anterior à universidade: *Começou a ministrar aulas de escrita de sinais antes da sua universidade?* Os professores responderam o seguinte:

Azul - O primeiro contato com a escrita de sinais foi na universidade que eu estudei. Antes fiz curso como instrutor, fui à associação de surdos, mas nunca tinha visto escrita de sinais.

Só tinha 2 disciplinas, mas antes, em 2009, tinha 3 disciplinas. Os alunos reclamavam, porque eles adquiriam a escrita de sinais fluentemente com duas disciplinas, por isso, tiraram a terceira quando mudaram o currículo. Esta informação foi repassada por um representante discente para o colegiado do curso de Letras: Libras da universidade.

Verde - Eu trabalhei 10 anos na Universidade Federal de Santa Catarina e também, no governo do estado, trabalhei 3 anos dando cursos de escrita de sinais. Na universidade dou aulas, trabalho em projetos e disciplinas obrigatórias de práticas de tradução em escrita de sinais.

Cinza – Nunca antes.

Rosa – Não conhecia escrita de sinais antes do curso de Letras: Libras

Vermelho – Eu já tinha estudado o curso de Letras: Libras e fui ensinar no curso técnico de tradução e interpretação, fiz palestras, então me chamaram para ensinar escrita de sinais neste curso. (Entrevistas semiestruturadas)

O informante Azul teve contato somente no curso de Letras: Libras. Já o informante Verde teve experiência de 3 anos no governo do estado antes de entrar como professor na universidade. Os informantes Cinza e Rosa não conheciam escrita de sinais antes de entrar no curso de Letras: Libras. Ambos não tinham experiência de ensino antes de entrar na universidade. Apenas o informante Vermelho ministrou aulas de escrita de sinais em curso técnico de tradução e interpretação em Libras, além de ter feito palestras sobre o assunto.

Como se percebe, há poucas informações fora da universidade sobre o sistema de escrita de sinais *SignWriting*, bem como outros sistemas. Por isso, precisa haver mais difusão desse sistema de escrita de sinais. O sistema *SignWriting* foi introduzido no Brasil por Stumpf. Além disso, o curso de Letras: Libras a distância foi criado em 2006 e havia 15 polos em todo o Brasil em que se ensinava o sistema de escrita de Sinais *SignWriting*. Segundo Strobel (2015)

Hoje já tem disciplina de ELS [SW] em alguns cursos de graduação nas várias universidades federais do Brasil, que, por exemplo, em curso de licenciatura de Letras/Libras utilizam-na em 15 pólos espalhados pelo Brasil, e assim esse sistema de escrita se multiplica e é difundido em várias comunidades brasileiras. (2015, p, 58).

Por isso, é necessário continuar a divulgação desse sistema no Brasil. Também é necessário discutir a oficialização de um único sistema de escrita de sinais para estimular a educação bilíngue de surdos no Brasil, bem como a difusão de informações em escrita de sinais.

A pergunta 4 é a seguinte: *Você ministra a disciplina de escrita de sinais com foco mais na teoria ou prática? Ou forma igual?* Os informantes responderam o seguinte:

Azul - Sinto que ensino um pouco mais de prática do que teoria, porque no começo os alunos precisam conhecer quais sistemas existem aqui no Brasil, sua história e também trabalho de pesquisa para apresentar na sala de aula para refletir um pouco sobre o SW. Depois disso, começo a ensinar a prática do SW. Na disciplina de Escrita de Sinais I, ensino mais sobre as configurações de mão; na Escrita de Sinais II, ensino mais prática de leitura e escrita, porque nessa disciplina tem mais detalhes sobre movimento, eu explico para os alunos não confundirem, no Sign Puddle, com a escrita de sinais da ASL, que é diferente. No final da disciplina, os alunos vão tentar criar material de literatura escrita em SW.

Verde - Trabalho mais com a prática, a teoria é só para explicar os princípios básicos dos sistemas, a sua história e como criou.

Cinza – Eu trabalho com teoria e prática, mas é mais prática do que teoria. É muito mais prática. Outra professora ouvinte ensinava mais teoria e pouca prática, mas é obvio que precisa mais prática.

Rosa – Eu ensino, no começo, a teoria, depois eu ensino mais a prática. Porque há pouca teoria, eu pego artigos, dissertações e teses para explicar.

Vermelho – Eu uso os dois, teoria e prática. Mas eu percebo que há mais prática nas aulas. No começo, explico um pouco de teoria, depois foco mais na prática. (Entrevistas semiestruturadas)

Todos os informantes relatam que trabalham mais prática do que teoria. Do ponto de vista da teoria, só explicam a história dos sistemas de escrita de sinais. Num certo sentido, ensinar sobre os diversos sistemas de escrita de sinais favorece a reflexão sobre o uso e difusão do SW, bem como a discussão sobre qual sistema deve ser adotado no Brasil. É importante destacar que, de acordo com o informante Cinza, os professores ouvintes ensinavam mais teoria do que a prática, o que não incentiva a difusão e o conhecimento aprofundado da escrita de sinais. Aprender a ler e escrever exige práticas de leitura e escrita com frequência. Conforme o informante Cinza argumenta, “mas é obvio que precisa mais prática” (Entrevista do Informante Cinza). Por isso, as disciplinas de escrita de sinais nos cursos de Letras: Libras devem enfatizar a prática para a formação qualificada de professores e intérpretes de Libras e Escrita de Sinais no Brasil.

A pergunta 5 é a seguinte: *Você utilizou atividades em português ou escrita de sinais? Os alunos devem responder em português ou escrita de sinais na disciplina de escrita de sinais?* Os entrevistados deram as seguintes respostas:

Azul - Não, nunca. Eu só fiz atividades de escrita de sinais e os alunos treinavam em Libras. Eu fiz o contrário: eu filmei em Libras e os alunos tinham que transcrever em SW. Mas ensinar materiais em português, nada.

Entrevistador: *Nas atividades, você faz as perguntas em SW ou em português?*

Azul - Na hora da prova, eu faço as perguntas em português e explico em Libras na hora da prova, e os alunos respondem em SW, porque ainda estão no nível básico. Se os alunos já sabem bem, daí é possível todas as perguntas em SW.

Verde - Já sim, fiz atividades só em SW. Todos respondem só em SW, não usam português.

Cinza - No começo eu não dou textos em SW, só ensino os sinais. Eu uso algumas atividades com perguntas em português para responder em SW. Eu também traduzo alguns textos em português para a escrita de sinais.

Rosa - Eu tudo não, mas o material não é 100% completo não, eu já pedi para os alunos adaptarem material didático em sala de aula. Em geral, os materiais são metade português e metade em escrita de sinais. Eu dou os materiais só em SW e também gravo vídeos para que os alunos respondam em escrita de sinais. Se tiver atividades em português, os alunos respondem em português, por causa das aulas teóricas.

Vermelho - Sim, já fiz isso. Eu peguei materiais didáticos de matemática, português, inglês do meu filho, do primeiro ao terceiro ano, e traduzi para escrita de sinais para ensinar para os alunos. O processo de aprendizagem dos alunos iniciantes em escrita de sinais é parecido com as crianças quando começam a aprender na escola, ler, escrever e praticar é parecido com o das crianças. As atividades podem ser em português e SW. Se a pergunta é em português, os alunos respondem em SW, se for em SW respondem em português. (Entrevistas semiestruturadas)

Os informantes Azul e Verde usam atividades em SW. Somente na prova, o professor Azul usa as perguntas em português e explica-as em Libras. O professor Azul tenta variar as atividades, filmando em Libras para que os alunos respondam em SW. O informante Verde nunca usa português nas atividades. O informante Cinza inicia com o ensino de sinais e a tradução de alguns desses sinais em português e, somente após certo tempo trabalha com texto. Às vezes, utiliza a língua portuguesa como suporte para o ensino de escrita de sinais. O Informante Rosa utiliza também parte em português e parte em vídeo-registro para que os alunos transcrevam em SW. Solicitou também fizessem a adaptação de materiais didáticos em SW. O informante Vermelho também realizou traduções de materiais para a escrita de sinais, além de usar algumas atividades em português. Segundo este último informante, “O processo de aprendizagem dos alunos iniciantes em escrita de sinais é parecido com as crianças quando começam a aprender na escola, ler, escrever e praticar é parecido com o das crianças.” (Entrevista do Informante Vermelho). Nesse sentido, na visão deste informante o ensino de alunos adultos pode ser semelhante ao de crianças. No entanto, deve-se levar em consideração fatores como idade e perfil de aprendizagem para o ensino de línguas nos diferentes níveis de escolarização.²

Nesse sentido, nota-se que os professores possuem perfil para ensinar escrita de sinais e estimular os alunos a desenvolverem a aprendizagem do sistema SW. Por isso, como se observa, é importante aumentar a produção e difusão de materiais didáticos em escrita de sinais para possibilitar que os professores tenham mais acesso a materiais variados. Segundo Leão (2019a), há poucos materiais disponíveis. Há alguns materiais de Literatura Surda em

² O objetivo da presente pesquisa não é discutir questões relacionadas aos fatores como idade ou perfil de aprendizagem. Sobre esse assunto, veja Brown (2012) e Gesser (2012).

SignWriting, que podem ser usados como material didático nas aulas de escrita de sinais. De acordo com a pesquisa de Leão (2019a), há materiais em ELiS, mas os professores entrevistados só usam o sistema *SignWriting*.

Escrita de Sinais, Ensino de Libras e Materiais Didáticos

Nesta seção, discute-se a perspectiva dos informantes em relação à escrita de sinais, o ensino de Libras e questões relacionadas a materiais didáticos em escrita de sinais. nesse sentido, a pergunta 6 é a seguinte: *Como você é professor(a) de escrita de sinais da universidade, você acha que é necessário contratar os professores para trabalhar na escola bilíngue ou inclusiva com a disciplina de escrita de sinais? Dê sua opinião.* Os professores deram as seguintes respostas:

Azul - Sim, lógico, se começar a criar e aumentar as escolas bilíngues, precisa colocar um professor de Libras que saiba bem SW, porque poucos professores de Libras sabem bem SW. Os surdos precisam começar cedo. Por exemplo, tem uma escola bilíngue de surdos na cidade de Maringá - PR que tem a disciplina de escrita de sinais, sob responsabilidade de uma professora surda.

Verde - Sim, precisa para crianças desenvolver aquisição da língua de sinais, porque é a mesma língua, se for diferente, sinalizar em Libras e escrever em português, gera confusão porque são línguas cuja estrutura linguística não combina. Se primeiro aprender bem a escrita de sinais, depois ajuda a aprender o português escrito. Pode ser para crianças ou adultos.

Cinza – Sim, não há ainda as escolas, mas precisa sim para os alunos aprenderem como é a escrita em Libras. (Entrevistas semiestruturadas)

Os professores pensam que é necessária a criação de mais escolas bilíngues e também a contratação de professores habilitados em SW. O informante Verde destaca que, se as crianças aprendem a escrita de sinais, conseguem desenvolver melhor o português escrito. Da mesma forma, Cinza, Rosa e Vermelho destacam a necessidade de ter professores qualificados para o ensino de escrita de sinais na educação de surdos. Nesse sentido, o informante Rosa traz considerações importante sobre o ensino de escrita de sinais:

Rosa – Sim, precisa, porque no passado não havia registros em língua de sinais, muito se perdeu. Se os alunos aprendem escrita de sinais na escola, acostumam-se a usar diariamente a escrita de sinais igual quando aprendem inglês desde pequenos na escola, e então se acostumam com essa língua e não reclamam mais. É mais importante. (Entrevistas semiestruturadas)

Como se observa, a escrita de sinais possibilita registros culturais, históricos e literários da comunidade surda. Dessa forma, o aprendizado da escrita de sinais, desde os primeiros anos de escolarização, permite que esse sistema seja difundido amplamente, bem como seja usado diariamente pelos surdos e ouvintes.

O informante Vermelho apresenta considerações fundamentais sobre a escrita de sinais, sua difusão, ensino e importância para os surdos:

Vermelho – Sim, é importante, porque a escrita de sinais é um artefato da cultura surda para comunicação em língua de sinais, também é uma escrita visual. Também dentro da disciplina de Libras é preciso ensinar pelo menos o básico sobre a escrita de sinais para que os alunos ouvintes, mesmo numa escola inclusiva, aprendam pouco a pouco a escrita de sinais. Na escola bilíngue, precisa ser mais aprofundado, porque se trata de um grupo de alunos surdos e o desenvolvimento da escrita de sinais pode acontecer de forma simultânea com a língua portuguesa, assim como a escrita de sinais ajuda na aquisição do português escrito. Não só o professor surdo, qualquer professor ouvinte também pode ter conhecimento aprofundado para ensinar em escrita de sinais. (Entrevistas semiestruturadas)

Na visão deste informante, a escrita de sinais é um artefato cultural do povo surdo. Nesse sentido, Strobel (2015) destaca que a escrita de sinais é um importante artefato da cultura surda e tem sido cada vez mais usado e difundido no Brasil. Além disso, o informante Vermelho argumenta que, nas disciplinas de Libras, deve haver o ensino de escrita de sinais. Desta forma, é possível um ensino de Libras com habilidades integradas no currículo, trabalhando sempre compreensão e produção sinalizada, bem como a leitura e escrita em escrita de sinais. Nesse sentido, há também benefícios no ensino de escrita de sinais para a aquisição do português escrito pelos surdos.

Segundo Stumpf (2005) e Capovilla (2000), a escrita de sinais contribui para o desenvolvimento do português escrito como segunda língua. Stumpf (2005) destaca que

Avalio se as crianças surdas conseguem escrever os sinais em SignWriting e também se aperfeiçoaram sua LS. Percebi que muitas pessoas têm o maior interesse em saber se aprender a escrever pelo sistema SignWriting ajuda a escrita da língua oral [...]. A teoria diz que será útil possibilitar comparar como é a estrutura da frase na escrita da língua oral e como é a estrutura da frase escrita em SignWriting. Esse conhecimento deve ser pesquisado pelos linguistas. (2005, p. 155)

Como se percebe, a escrita em SW pode contribuir para o desenvolvimento da escrita em português, bem como para o desenvolvimento da Libras. Bozólí (2021) desenvolve uma pesquisa sobre a educação bilíngue de surdos, intitulada **Educação bilíngue de surdos: o uso da escrita de sinais SignWriting na aprendizagem do português como segunda língua**. A autora relaciona o uso da escrita de sinais *SignWriting* a aprendizagem de português para surdos. A pesquisa foi desenvolvida nos anos iniciais do ensino fundamental numa escola de surdos. Desta forma, práticas pedagógicas no ensino de português como segunda língua para surdos são potencializadas por meio do *SignWriting* na aquisição do português escrito. Bozólí (2021) demonstra que o ensino comunicativo de línguas pode contribuir para o ensino de português

escrito para surdos, na medida em que a Libras sinalizada e em escrita de sinais passa a ser mediadora da aquisição da escrita e desenvolve as dimensões cognitivas dos alunos surdos. Como resultado dessa abordagem comunicativa, os alunos surdos obtiveram desenvolvimento motivacional ao aprender o português escrito mediado pela Libras e pela escrita de sinais. Além disso, o letramento visual passar a ter também contribuições significativas no processo de ensino e aprendizagem de português escrito como segunda língua para surdos. Consequentemente, Bozólí (2021) enfatiza que os desafios na aquisição do português como segunda língua pelos alunos surdos podem ser amenizados sempre que o aluno surdo aprender o português escrita simultaneamente com a Libras e a escrita de sinais. Desta forma, os conhecimentos linguísticos do português escrito como segunda língua são consolidados nos anos iniciais da educação bilíngue de surdos por meios de propostas didáticas com enfoque comunicativo. Segundo Bozólí (2021),

Conforme evidenciado ao longo de toda a análise, os dados desta pesquisa apresentam contribuições positivas da escrita de sinais pelo sistema SignWriting na aprendizagem do português escrito como segunda língua, sendo elas: (a) a familiarização do SignWriting no contexto escolar através das placas informativas; (b) o planejamento das atividades de português escrito com o uso do SignWriting; (c) o planejamento das atividades em SignWriting com o uso do português escrito; (d) o uso de programas computacionais com SignWriting. Todos os dados indicam que são em decorrência do uso da Libras como língua de instrução, do SignWriting como suporte, das metodologias voltadas para o ensino de segunda língua e da escola específica para alunos surdos. (p. 175-176)

Desta forma, no ensino de português escrito com o *SignWriting*, as contribuições para o desenvolvimento cognitivo e para a apropriação da escrita são relevantes nos anos iniciais na educação bilíngue de surdos.

Neste sentido, Capovilla (2000) destaca o conceito de *continuidade* na relação da Libras com a escrita de Sinais. Neste caso, o surdo deve *pensar, ver, sinalizar* em Libras e *ler e escrever* em escrita de sinais. Do contrário, os surdos enfrentam barreiras devido à *descontinuidade* entre sinalização e escrita. Ou seja, o surdo *pensa, sinaliza, vê* em Libras, mas *lê e escreve* em português. Isso acarreta uma série de desafios no aprendizado do português escrito, visto que as estruturas linguísticas da Libras e do português são diferentes.

Wanderley (2012), em sua pesquisa de mestrado, intitulada **Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos de educação básica e de universitários surdos e ouvintes**, discute aspectos da leitura e escrita de sinais com alunos surdos da educação básica, bem como alunos universitários surdos e ouvintes. A proposta de pesquisa é analisar de que forma se dá o processo de aquisição da escrita de sinais e quais elementos integram a

compreensão e produção de textos em escrita de sinais. A pesquisa estabeleceu uma comparação entre crianças que aprendem o sistema *SignWriting* com estudantes universitários que aprendem a ler e escrever nesse sistema. Além disso, estabeleceu uma comparação entre surdos e ouvintes universitários e de que forma eles adquirem a escrita de sinais, considerando os parâmetros de um sinal escrito nesse sistema. Segundo Wanderley (2012)

A comparação entre surdos e ouvintes na produção de textos evidenciou o uso de estratégias de leitura e escrita da L1, transferidas para a L2, no caso dos ouvintes comparados com os surdos. Fica muito claro que os ouvintes usam o seu conhecimento da escrita em português como referência para a produção de textos escritos em sinais, mesmo sendo esta este é um outro sistema de representação escrita. Esse ponto é muito interessante, pois pode ser considerado em pesquisas futuras, no sentido de aprofundar o que os pesquisadores tem discutido intensivamente e tratam na educação bilíngue, ou seja, a questão da importância do letramento na L1, que sustentará o letramento na L2. (WANDERLEY, 2012, p. 186)

Como se observa, o conhecimento e as estratégias de organização textual da escrita em L1 dos ouvintes contribui para aquisição da escrita de sinais como uma L2. Da mesma forma, os alunos surdos podem utilizar o conhecimento e as estratégias de estruturação textual da Libras e a escrita de sinais para a aquisição do português escrito como segunda língua. Assim, o letramento em L1 e L2 convergem, na medida em que estratégias de leitura e escrita da L1 podem contribuir para aquisição da escrita em L2.

A questão 7 faz o seguinte questionamento: *Você percebe que surdos ou ouvintes conseguem aprender rápido em escrita de sinais?* Eles responderam o seguinte:

Azul - Sim, a maioria dos surdos aprendem mais rápido do que os ouvintes, mas pouquíssimos surdos têm um pouco de dificuldade no começo. A maioria dos ouvintes demoram mais, mas tem alguns que aprendem rapidamente também porque gostam.

Porque os surdos têm a Libras como L1 e, no momento em que escrevem em escrita de sinais, conseguem raciocinar na sua língua que é também a língua de sinais, por isso é mais fácil e mais rápido.

Verde - Nunca refleti sobre isso, vou tentar lembrar. Depende, tem surdos que aprendem rápido, ouvintes também. Mas a maioria são os surdos que aprendem mais rápido.

Cinza – Surdos aprendem mais rápido do que os ouvintes. Isso tudo depende da fluência dos ouvintes, se for mais fluente, aprendem mais rápido.

Rosa – Depende. Nem todos os surdos gostam de escrita de sinais, poucos não gostam porque não estudam. Os ouvintes que não têm muita fluência em Libras, não gostam da escrita de sinais, já os alunos mais fluentes gostam mais de aprender SW. Os surdocegos gostam da escrita de sinais, mas precisa melhorar a adaptação dos materiais didáticos. Tudo isso depende também da qualidade das aulas do professor. Se não tem qualidade nas aulas, os alunos não aprendem.

Vermelho – Eu percebi que os ouvintes precisam se esforçar mais para conseguir aprender, enquanto que os surdos têm mais aptidão. Mas alguns surdos também têm um pouco de dificuldade com a escrita de sinais. (Entrevistas semiestruturadas)

Conforme explicam os informantes, há uma tendência de os surdos aprenderem mais rápido do que os ouvintes, embora não seja uma regra. Segundo o informante Azul, “*Porque os surdos têm a Libras como L1 e, no momento em que escrevem em escrita de sinais, conseguem raciocinar na sua língua que é também a língua de sinais, por isso é mais fácil e mais rápido.*” (Entrevista do informante Azul). De acordo com Capovilla (2000), é necessário que o surdo consiga aprender a Libras junto com a escrita de sinais, devido à mesma estrutura linguística da Libras na escrita de sinais da forma natural. Isso otimiza o aprendizado da língua de sinais e da escrita, bem como do português escrito como segunda língua. Além disso, os ouvintes podem se beneficiar da escrita de sinais, porque desenvolvem a aprendizagem da Libras e sua gramática.

O informante Rosa enfatiza que o nível de fluência na língua e o comprometimento com os estudos são dois fatores que contribuem para otimizar a aquisição e o gosto pela escrita de sinais. Outra questão relevante é a qualidade das aulas dos professores, o que contribui diretamente no desenvolvimento da aprendizagem. Nesse sentido, é fundamental a formação qualificada de professores que tenham domínio em Libras e em escrita de sinais para que a aprendizagem dos alunos surdos e ouvintes seja desenvolvida com qualidade.

Nesse sentido, Silva (2013) desenvolve uma pesquisa com professores surdos sobre a escrita de sinais, intitulada **Narrativas de professores de surdos sobre a escrita de sinais**. A pesquisa de mestrado analisou as narrativas de professores surdos que atuam em escolas de surdos. A pesquisa discutiu a importância da escrita de sinais, seu uso como estratégia na produção surda, questões de currículo escolar e empoderamento surdo. Segundo Silva (2013),

A ELS não pode ser pensada ou limitada ao ensino da Libras, ela precisa ser pensada como parte dentro e fora da Libras, que é a língua natural dos surdos. Se a escrita dominante for a LP, os alunos surdos, segundo os narradores, não conseguem fazer relação com a Libras, pois de acordo com Quadros e Campello (2010, p. 43) essas línguas são distintas, não podem ser pensadas ao mesmo tempo. Assim é importante pensar na ELS como parte integrante do currículo e não como estratégia. De fato a ELS favorece a aprendizagem da LP, pois para aprender uma segunda língua o ensino se dá pela língua de uso. [...] Sendo o currículo um documento que orienta sobre os conteúdos a serem ensinados, faz com que os professores também busquem por suas formações, compreendendo que o currículo legitima o ensino, se não estiver presente se deixa em aberto o uso ou não uso desta escrita na escola. (2013, p. 105-105)

Desta forma, a pesquisa demonstra que a escrita de sinais necessita ser integrada no currículo escolar na educação de surdos. As especificidades linguísticas da Libras e do Português necessitam ser ensinadas de forma plena na educação de surdos para que estes tenham desenvolvimento da aquisição escrita nas duas línguas. Assim como Stumpf (2005) também enfatiza que o ensino de escrita de sinais contribui para a aquisição do português escrito, Silva

(2013) também destaca a necessidade de se ensinar português escrito de forma simultânea com a Libras e a escrita de sinais.

Consequentemente, é possível o empoderamento surdo por meio da escrita de sinais. Segundo (2013), quando estão “em contato com a ELS, os alunos não se sentem intimidados, ao contrário, de acordo com os profissionais, eles se posicionam em suas escritas, querem e sentem prazer em utilizá-la.” (2013, p. 106). A autora ressalta que o trabalho com a escrita de sinais favorece o empoderamento surdo, pois “quando os professores conseguem trabalhar as duas escritas, ELS e LP, os alunos ficam em pé de igualdade com os ouvintes.” (2013, p. 106). Desta forma, a escrita de sinais, integrada ao currículo na educação bilíngue de surdos, favorece o empoderamento surdo, bem como potencializa a aquisição do português escrito.

A pergunta 8 é: *Qual idade que os alunos se desenvolvem bem?* Os professores deram a seguinte resposta:

Azul - Principalmente jovens desenvolvem bem, já com os alunos adultos é um pouco mais difícil, eu percebi.

Verde - Começam a aprender melhor quando são mais jovens do que quando tem mais idade, porque com mais idade demora um pouco mais, mas varia de pessoa para pessoa.

Cinza – A partir dos 20 até 30 anos. Depois dessa idade, mais ou menos.

Rosa – Geralmente mais jovens aprendem mais rápido, quanto mais idade, mais difícil de aprender.

Vermelho – Os mais jovens aprendem mais rápido, já os mais velhos têm mais dificuldades. (Entrevistas semiestruturadas)

Os informantes Azul, Verde, Rosa e Cinza relatam que os alunos mais jovens aprendem a escrita de sinais de forma mais rápida e eficiente. Por outro lado, na opinião do informante Cinza, os alunos com mais idade, 20 ou 30 anos, tendem a aprender melhor. Como se nota, é fundamental que a escrita de sinais seja ensinada desde cedo nas escolas bilíngues de surdos, porque quando entram na faculdade demoram um pouco mais para aprender a escrita de sinais. Quanto antes aprender, melhor para desenvolver a escrita da Libras.

A questão 9 faz a seguinte pergunta: *Você teve vários alunos que já elogiaram mais que reclamaram de escrita de sinais? Ou contrário? Por quê?* Os professores responderam que:

Azul - Alguns surdos falaram que gostam do SW, podiam ter aprendido antes, muito mais cedo. Só surdos, ouvintes não falaram nada.

Verde - Quando começam, alguns acham estranho, porque não conhecem, mas depois quando começa a adquirir a escrita, entendem que precisam entender claro a estrutura da fonologia e morfologia da Libras escrita. Também ajuda a entender a necessidade das expressões faciais para a expressão em Libras. No começo reclamam, mas depois percebem que tenho razão em ensinar a escrita de sinais. Os alunos opinam que precisa escrita de sinais junto com todas as disciplinas de Libras. É importante também registros em SW.

Cinza – A maioria fala que não tem paciência com escrita de sinais, no começo acham legal porque é básico, mas depois, quando percebem a complexidade, acham mais difícil. Os surdos reclamam menos, os ouvintes reclamam mais.

Rosa – A maioria elogia a escrita de sinais, muitos poucos reclamam, mas é porque não são fluentes na escrita de sinais. Mas, para isso, o professor precisa organizar didaticamente o conhecimento de forma sequencial, não de forma confusa. Assim os alunos aprendem e conseguem se desenvolver.

Vermelho – Até o momento, eu percebi que 80% elogia e 20% reclama. Quando eu levo os alunos para a escola bilíngue, eles percebem que quando tentam ensinar as crianças surdas, elas são inteligentes e aprendem porque são visuais, então os alunos se emocionam. Isso prova para eles que realmente a escrita de sinais é importante para as crianças surdas e relacionam com a tese de Stumpf sobre o desenvolvimento das crianças surdas. Alguns alunos reclamam porque precisam praticar muito a escrita e é trabalhoso, ficam cansados, isso tudo porque eu acho que não estudam tanto, daí não sabem o conteúdo e, por isso, reclamam. (Entrevistas semiestruturadas)

De acordo com o informante Azul, os surdos relatam que poderiam ter aprendido a escrita de sinais muito antes para desenvolver habilidades de leitura e escrita. Para o informante Verde, alguns alunos acham estranho, mas, com o passar do tempo, compreendem que a escrita de sinais ajuda no conhecimento de fonologia, morfologia e expressões não-manuais da Libras. O informante Cinza enfatiza que, conforme o sistema vai ficando mais complexo, os alunos tendem a reclamar dos desafios da aprendizagem. Já os informantes Rosa e Vermelho apontam que a maioria tem boa aceitabilidade da escrita de sinais. Em geral, segundo a informante Rosa, a rejeição à escrita de sinais está relacionada ao nível de fluência desses alunos. Além disso, o planejamento didático também influencia na aquisição da escrita de sinais: “Mas, para isso, o professor precisa organizar didaticamente o conhecimento de forma sequencial, não de forma confusa.” (Entrevista do Informante Rosa).

Em relação à educação bilíngue de surdos, o informante Vermelho traz um relato bastante significativo em relação à escrita de Sinais:

Quando eu levo os alunos para a escola bilíngue, eles percebem que quando tentam ensinar as crianças surdas, elas são inteligentes e aprendem porque são visuais, então os alunos se emocionam. Isso prova para eles que realmente a escrita de sinais é importante para as crianças surdas e relacionam com a tese de Stumpf sobre o desenvolvimento das crianças surdas. (Entrevista do Informante Vermelho)

Desta forma, é importante que a escrita de sinais seja junto com a disciplina de Libras para melhor aprender a escrita de sinais e também o registro de materiais em SW. O que se percebe é que a escrita de sinais é vista de forma positiva pelos alunos, o que favorece o desenvolvimento e ampliação do ensino da escrita de sinais. Por isso, a política linguística da escrita de sinais precisa oficializar um sistema para ser usado em todos os espaços de circulação da comunidade surda, como na educação bilíngue de surdos, publicações, difusão do conhecimento e acesso à informação, publicações de literatura surda escrita em *SignWriting*.

A pergunta 10 é a seguinte: *Você consegue buscar materiais para usar na sala de aula? Foi fácil ou difícil?* Os professores responderam o seguinte:

Azul - Há muitos materiais na internet, mas não consigo usar porque não é claro como ensinar como esse material. Se precisar mudar ou adaptar, demora mais. Às vezes, eu tento criar meus materiais do meu jeito para poder ensinar. O problema é que muitos materiais têm sinais diferentes, com variação linguística. Alguns eu deixo para mostrar as variações linguísticas de outros estados.

Verde - Na verdade, há poucos materiais, eu sempre preciso preparar e criar materiais eu mesmo. Por exemplo, há publicações literárias em SW, então eu pego e uso nas aulas, mas materiais didáticos têm poucos, quase nada, parece que tem dois ou três. Precisa criar materiais. Eu mesmo crio. Eu dou atividades para os alunos e depois de prontas, eu uso em outras disciplinas, com a autorização dos alunos.

Entrevistador: *Há artigos escritos só em SW?*

Muito pouco. Parece que há uns 5 artigos publicados. E há uma única dissertação de mestrado em SW.

Cinza – Mais ou menos, o que me ajuda são outros professores de escrita de sinais de outras universidades, nós sempre interagimos e trocamos materiais. Mas dentro dos sites da internet tem pouco material. Há um grupo de Whatsapp de escrita de sinais em que nós interagimos.

Eu uso também o SignPuddle.

Rosa – Não tenho dificuldades em encontrar o material. Cinquenta por cento dos materiais eu consigo pegar em sites da internet, os outros preciso criar. Uma estratégia que eu uso é dar atividades aos alunos para eles criarem materiais didáticos a fim de facilitar o aprendizado. O mais difícil é adaptar o material para surdocego, porque não tem materiais didáticos.

Vermelho – É difícil encontrar. Eu procurava materiais didáticos mas faltava materiais. Como estratégia, pedia para os alunos criarem materiais didáticos sobre diversos temas em escrita de sinais a partir de outros materiais que já tinham em português. (Entrevistas semiestruturadas)

Os entrevistados afirmam que há poucos materiais que podem ser usados no ensino de SW, a exceção do informante Rosa que afirma que consegue encontrar metade do material didático na internet. Em geral, precisam, contudo, criar seus próprios materiais. Por isso, é necessário organizar seminários sobre materiais didáticos em SW e também criar grupos de pesquisa com foco em mais materiais didáticos em SW, pois isso é importante para uso nas aulas. Há o corpus de SW, mas há necessidade de se adaptar e criar novos materiais didáticos. Segundo Stumpf (2005), “Outra estudante ouvinte me perguntou se sou a única que trabalha com SignWriting no Brasil e digo que não. Há outros grupos de pesquisa, há um pequeno número de professores de ELS nas escolas de surdos e há vários cursos de ELS para professores e intérpretes.” (2005, p. 155). Por isso, precisa aumentar as redes de pesquisa no país a fim de ampliar a produção de materiais didáticos em escrita de sinais. Desta maneira também, a formação de professores deve desenvolver habilidades e competências para avaliar e desenvolver materiais didáticos em escrita de sinais.

Padronização e Difusão da Escrita de Sinais

A pergunta 11 é: *Você prefere ou escolhe disciplina de escrita de sinais? Por quê?* Essa pergunta tem o objetivo de verificar se os professores gostam desse sistema de escrita de sinais, o que pode indicar a preferência por um sistema.

Azul - Na minha universidade, tem 6 professores, só dois surdos. *Um ouvinte conhece um pouco de escrita de sinais, os professores estavam preocupados com isso*, então me voluntariei para ministrar a disciplina de escrita de sinais, porque precisa ser um professor que saiba bem esse sistema. (grifos meus)

Verde - Prefiro trabalhar com escrita de sinais, sempre escolhem eu ou outra professora para ensinar escrita de sinais. Todos sabem que eu gosto de ensinar escrita de sinais.

Cinza – Porque a professora se afastou para mestrado e me deu essa disciplina.

Rosa – Uma professora se afastou para doutorado, mas ninguém quis pegar, então eu assumi essa disciplina. Eu já tinha estudado no curso de Letras: Libras antes, mas eu não era fã da disciplina, mas assumi porque eu queria conhecer e aprender mais, mas agora eu amo essa disciplina. Eu, durante a graduação, não gostava da disciplina, mas quando comecei a ensinar eu amei escrita de sinais.

Vermelho – Os próprios colegas me indicaram para ministrar a disciplina de escrita de sinais, porque sabiam que eu tinha experiência em SW, porque me conheciam em palestras que eu tinha dado antes. (Entrevistas semiestruturadas)

Como se nota, o informante Azul prefere ensinar o sistema *SignWriting*, porque o curso necessita de um professor mais experiente para essa disciplina. É importante destacar a preocupação dos colegas em relação ao pouco conhecimento de escrita de sinais de um professor ouvinte. Como se trata de um curso de formação de professores, o professor de escrita de sinais precisa ter conhecimento para ensinar bem esse sistema.

O informante Verde gosta de ensinar esse sistema e ele e outra professora são os preferidos para ensinar essa disciplina. É necessário afinidade e saber bem esse sistema para ensinar escrita de sinais e estimular os alunos a aprender *SignWriting*. Seria bom criar o encontro de professores de escrita de sinais para compartilhar as ideias, trocar experiências e melhorar o ensino de escrita de sinais.

Já os informantes Cinza e Rosa afirmam que os docentes de suas universidades pegaram licença para qualificação e, por isso, assumiram essa disciplina. A informante Rosa assumiu a disciplina a fim de conhecer mais sobre o SW, pois não gostava muito na graduação. Depois que começou a ensinar, passou a gostar da escrita de sinais. O informante Verde afirma que seus colegas o indicaram como professor de escrita de sinais, porque ele já tinha tido experiência anteriormente.

A pergunta 12 verifica quais os motivos para ensinar esse sistema de escrita de sinais: *Qual sistema você usa? SignWriting, Elis, SEL ou Visografia? Por que você escolheu esse sistema?* Os professores responderam o seguinte:

Azul - Eu escolhi SW, porque os outros três eu nunca aprendi, nunca usei, nunca tive vontade ou interesse em procurar, parece que não é por falta de tempo, porque eu só fui informado sobre escrita de sinais e ELiS, no curso de Letras: Libras, mas lá só ministrou o sistema SW. Uso em aula o ELiS para comparar com o SW os tipos de símbolos e movimento; na minha opinião, o SW é muito melhor, porque é mais rápido de adquirir, mais fácil de entender, porque é mais icônico e visual, ELiS não, precisa decorar, não estimula meu interesse. Prefiro o SW porque este sistema é possível ser usado como registro para qualquer língua de sinais do Mundo. Além disso, as regras dos grafemas são padronizadas em todo o mundo, por isso, é possível ler em qualquer língua de sinais, por exemplo a ASL, a LIS e outros; mesmo que não conheça o significado, é possível eu ler e sinalizar numa outra língua de sinais. Da mesma forma, se compararmos com a escrita em português, francês, inglês, mesmo que a pessoa não conheça essa língua, consegue ler porque as letras são padronizadas, as letras do alfabeto latino. Não sabe o significado, mas dá para entender; da mesma forma em SW dá para ler e perceber que é uma outra língua de sinais.

Eu estudo ASL, se eu já tenho conhecimento básico em ASL, ou outra língua de sinais como a italiana e eu ver essa língua de sinais escrita num texto em SW, consigo perceber que é a ASL, por isso o SW é melhor registro de qualquer língua de sinais.

No mundo todo e no Brasil, o SW tem mais publicações de literatura, que eu vi mais. Se comparar, a ELiS tem pouco e o SW tem mais. Pesquisas de mestrado e doutorado também tem mais sobre o SW.

Verde - Eu ensino SignWriting. Eu aprendi primeiro SW e também porque dá para articular linguisticamente as marcações não-manuais com os sinais de forma detalhada, há todas as informações linguísticas necessárias para se expressar. Os outros sistemas, no entanto, tem limitações para a escrita. Por exemplo, ELiS não tem expressões faciais, porque para mim, eu acredito que a gramática da Libras é obrigatório ter as marcações não-manuais, como olhos elevados ou olhos semicerrados e a direção do olhar como forma de apontamento. A ELiS não tem as expressões faciais, os outros sistemas eu conheço muito pouco. Eu sinto mais afinidade com o SW e também a aquisição da Libras acontece de forma clara porque tem relação mais evidente entre a Libras e a escrita em SW. Também é possível expressar as emoções, ler e entender em SW, porque, na minha opinião, combina com a visualidade da língua de sinais. Além disso, há mais pesquisas sobre SW, é mais usado e eu gosto mais de ler em SW.

Cinza – Usamos o sistema SW. Escolhi esse sistema porque estudei no curso de Letras – Libras.

Rosa – Eu uso o sistema SW, mas explico sobre a história de cada um dos sistemas, só mostro para os alunos ter conhecimento. Mas ensino só SW sempre.

Vermelho – Eu uso SW, conheço os outros sistemas, mas só ensino SW. Eu só explico os sistemas nas aulas teóricas de forma geral, mas não ensino esses sistemas. Eu escolhi esse sistema porque já conhecia e tinha experiência. Isso também foi decidido coletivamente em reunião de colegiado. Escolhemos o sistema SW porque há mais materiais e bibliografia. Por isso, não colocamos outros sistemas, apenas algumas referências para quem quiser ter conhecimento sobre o assunto. (Entrevistas semiestruturadas)

O informante Azul afirma que só aprendeu SW, mas não aprendeu outros sistemas, porque não teve vontade de aprender. Mas também porque falta informação sobre os outros sistemas e no curso só tinha um sistema. A preferência pelo SW é porque é icônico visual, o que favorece o aprendizado, além de ser usado em vários países do mundo. O SW pode ser lido em qualquer língua de sinais, assim como o alfabeto latino com as línguas ocidentais. Na sua opinião, “SW é melhor registro de qualquer língua de sinais”. Por isso, precisa-se adotar um único sistema de escrita de sinais. Já que o SW é mais difundido no Brasil e no mundo, sugere-se que seja escolhido o SW.

De acordo com o informante Verde, o SW tem informações linguísticas mais detalhadas e necessárias para se expressar em língua de sinais. Na sua opinião, as expressões não-manuais são importantes para a gramática da Libras, mas os outros sistemas, como ELiS, não têm

marcações não-manuais. Nesse sentido, a pesquisa de Ampessan (2015) mostra que as expressões não-manuais são importantes para a compreensão de sentenças na Libras. Sua pesquisa comprovou que nem sempre foi possível compreender sentenças na Libras quando não havia marcações não-manuais nas orações. Na mesma direção, as pesquisas de Quadros, Ludwig e Santos (2022) e Ludwig, Quadros e Silva (2022) comprovam que as orações complexas da Libras necessitam de marcações para a articulação de sentenças complexas na Libras. Portanto, o sistema SW possibilita a escrita da Libras com as marcações não-manuais.

Além disso, na opinião de Verde, a aquisição da Libras acontece de forma mais clara, devido à relação visual da Libras e o SW. Outro fator é que há mais pesquisas sobre o sistema SW e é mais usado e difundido no Brasil.

O informante Cinza usa esse sistema, porque aprendeu no curso de Letras: Libras. Os informantes Rosa e Vermelho apenas explicam que mostram os outros sistemas nos princípios teóricos da escrita de sinais, mas ensinam somente o SW. Além disso, o informante Vermelho destaca que o sistema SW foi escolhido coletivamente devido à sua maior difusão no Brasil: “Isso também foi decidido coletivamente em reunião de colegiado. Escolhemos o sistema SW porque há mais materiais e bibliografia. Por isso, não colocamos outros sistemas, apenas algumas referências para quem quiser ter conhecimento sobre o assunto.” (Entrevista do Informante Vermelho). Como se nota, a escolha pelo sistema *SignWriting*, nestas universidades analisadas, aconteceu por dois motivos principais: sua difusão curso de Letras: Libras e em materiais já publicados anteriormente; devido a uma decisão coletiva dos docentes, com base na difusão do sistema SW.

A pergunta 13 é a seguinte: *Conhece outros sistemas? Já ministrou aulas ou oficinas de algum outro sistema?* Os informantes responderam o seguinte:

Azul - Conheço superficialmente, só o básico, profundo não. Eu só explico os aspectos históricos de outros sistemas, mas não conheço nem ensino outros sistemas.

Verde - Conheço ELiS, eu já tive curso. Também tive o básico de SEL só para conhecer o sistema. A visografia conheço só o básico, porque mistura os dois sistemas SW e ELiS.

Entrevistador: *Já ensinou os outros sistemas de escrita de sinais?*

Não. Os três sistemas eu só explico na parte teórica das disciplinas de escrita de sinais. Prática não. Prefiro o sistema SW porque tem mais publicações e a maioria das pesquisas são sobre o SW, os outros sistemas têm pouca pesquisa.

Cinza – Aprendi um pouco de ELiS. Os outros dois sistemas, SEL e Visografia, aprendi informações num minicurso, mas nunca tive aula sobre esses sistemas. Eu só ensino um pouco sobre a história desses três sistemas, mas não de forma aprofundada. O foco das minhas aulas é *SignWriting*.

Rosa – Ensino mais o SW, os outros eu só mostro o básico no momento das aulas teóricas. Os outros sistemas nunca estudei no curso de Letras Libras, só li sobre esses sistemas.

Vermelho – Eu não conheço esses sistemas. Só li teoria, porque no PPC do curso foram incluídas algumas referências sobre esses outros sistemas. Mas não ensino esses sistemas, só SW. (Entrevistas semiestruturadas)

Os informantes relatam que só ensinam aspectos históricos dos outros sistemas de escritas de sinais. Os informantes Verde e Cinza explicam que já teve curso de ELiS e o básico de SEL e Visografia. Mesmo assim, só ensinam questões históricas sobre esses sistemas. É importante destacar que é bastante difícil dominar todos esses sistemas diferentes de escritas de sinais, por isso os professores ensinam somente aspectos históricos. Em geral, as línguas adotam apenas um sistema de escrita, por razões práticas para a sua devida implementação em âmbito geral (CALVET, 2007). Por isso, a Libras também necessita de um único sistema de escrita para viabilizar sua difusão e acesso ao conhecimento no sistema de escrita e sinais SW.

A questão 14 faz a seguinte pergunta: *Tem minha pesquisa de mestrado sobre padrão de escrita de sinais, enfim, sua opinião, é importante oficializar um único sistema de escrita de sinais? Qual sistema?* Eles responderam o seguinte:

Azul - Precisa oficializar sim um sistema, mas não pode proibir a expressão de outros sistemas. Se compararmos com português, que já tem na constituição assegurado que é língua oficial do Brasil, pode, no futuro, alguém criar um novo sistema de escrita para o português, mas não concordar e usar esse sistema, porque o alfabeto latino já foi difundido há muito tempo. Assim também, pode no futuro escolher um sistema para oficializar um único sistema de escrita para a Libras. Por exemplo, foram criados outros sistemas, mas não precisa, porque já tem o sistema SW que foi difundido há muito tempo no Brasil, então, para que criar outros sistemas? O SW é um sistema que pode ser adaptado, no passado tinha muitos detalhes e foi simplificado, porque a língua é viva, por isso não precisa criar outros sistemas, o que é complicado.

Verde - É o Sistema SW, porque tem mais publicações, maioria das pesquisas, também em vários países do mundo usa-se o SW. Os outros têm poucas publicações. Também as disciplinas de escrita de sinais são a maioria em SW. Eu concordo, precisa oficializar um sistema. (Entrevistas semiestruturadas)

O informante Azul argumenta que é preciso oficializar um sistema de escrita de sinais, embora não se possa proibir outros sistemas. Assim como o português escrito já tem o alfabeto latino difundido, a Libras pode usar e difundir o sistema SignWriting para sua escrita. Não há necessidade de se criar mais sistemas de escrita de sinais. Ele destaca que a língua é viva e que o sistema *SignWriting* é aberto e pode ser adequado às transformações da língua. Segundo Calvet (2007), os sistemas de escrita das línguas, em geral, são abertos e podem ser adequados às transformações das línguas.

O informante Verde afirma que o sistema SW deve ser oficializado. Para este informante, *SignWriting* deve ser oficializado, porque tem mais publicações e é difundido em vários países, inclusive no Brasil. Os outros sistemas têm poucas publicações. As universidades oferecem mais disciplinas de SW do que outros sistemas. Por isso, é fundamental que se oficialize o sistema de escrita de sinais *SignWriting* para a escrita da Libras.

O informante Cinza traz a seguinte reflexão:

Cinza – Não sou contra esses quatro sistemas, mas eu percebo que o SW é mais claro, porque é visual, mostra as expressões faciais, configurações de mão, tem tudo dentro. Precisa um sistema só. (Entrevista semiestruturada do Informante Cinza)

Desta forma, na opinião do informante Cinza, o sistema SW é mais claro e mais completo em relação aos parâmetros da Libras. Enfatiza que é necessário oficializar um único sistema de escrita de sinais. Já o informante Rosa apresenta o seguinte posicionamento:

Rosa – Tem que ter só um sistema, mais sistemas é complicado. Também o professor não sabe como ensinar os outros sistemas. Português tem mais sistemas de escrita? Não tem! Igual inglês, tem outros sistemas de escrita? Não tem! Já perguntei para os alunos: vocês querem aprender os quatro sistemas de escrita de sinais? Eles responderam: É impossível! (Entrevista semiestruturada do Informante Rosa)

Como se percebe, Rosa argumenta que as línguas possuem apenas um sistema escrito, não havendo necessidade de outros sistemas de escrita para as línguas em geral. A profusão de vários sistemas torna-se difícil para que o professor ensine vários sistemas. No relato do informante Rosa, os próprios alunos percebem a impossibilidade de se aprender vários sistemas de escrita de sinais. Portanto, faz-se necessário oficializar um único sistema de escrita de sinais no Brasil.

O informante Vermelho expressa a seguinte posição:

Vermelho – Só um sistema. Vou explicar: a Língua de Sinais, a Libras, é uma só no Brasil, não tem outras línguas, a maioria usa a Libras para se comunicar, assim também a escrita da Libras é equivalente. Para quê ficar criando outros sistemas de escrita de sinais? É confuso, porque são sistemas diferentes. Não precisa criar outros sistemas, só um sistema apenas. Por exemplo, o português falado tem um único sistema de escrita, tem mais sistemas de escrita? Não tem, tem só um, então a Libras também tem que ter só um sistema de escrita. Essa é minha opinião. (Entrevista semiestruturada do Informante Vermelho)

Segundo este informante, a Libras usada no Brasil é uma só, embora se deve considerar que há variações linguísticas na Libras. Mesmo assim, não há necessidade de haver outros sistemas de escrita de sinais. ele faz um contraponto com a língua portuguesa: da mesma forma que o português possui apenas um sistema de escrita, a Libras também precisa ter um único sistema de escrita de sinais. O informante Vermelho justifica sua opinião: “É confuso, porque são sistemas diferentes. Não precisa criar outros sistemas, só um sistema apenas.” (Entrevista do informante Vermelho). Desta forma, é imperativo que seja oficializado um único sistema de escrita de sinais para a Libras em todo o Brasil.

A questão 15 é a seguinte: *Você acha que devemos discutir sobre a ortografia e padronização em escrita de Sinais? Pode-se pensar em outra palavra como, por exemplo, glifonomia da Escrita de Sinais?* A resposta foi a seguinte:

Azul - É importante sim. Por exemplo, alguns sinais tinham mais detalhes sobre o movimento, como o sinal BRINCAR, mas foi simplificado, porque não conhecemos o sinal e não precisa. Se for um contexto em que fica ambíguo ou cria um sinal novo, então pode usar mais detalhes do movimento. Também sinais com a mesma configuração de mão para cada mão, pode tirar um glifo e colocar o símbolo de glifo igual. Isso não significa que é informal, porque a informação está completa e dá para entender. Por isso, pode usar em qualquer contexto como acadêmico, em jornal. Não precisa de muitos detalhes, a escrita no texto pode ser simplificada para economizar página, espaço e ler rápido. Com muitos detalhes, demora-se para o processamento mental e a compreensão do texto. Mesmo com essa simplificação, pode ser considerado formal.

Verde - Sobre a ortografia é preciso discutir e padronizar, porque até hoje ainda há divergências na escrita. Cada um tem um jeito diferente de escrever, mas precisa unificar uma única forma de escrever. Precisa saber a diferença entre escrita e transcrição. A transcrição foca nos elementos fonológicos de um sinal, mas a escrita deve ser só uma, assim como em português. Precisa criar um dicionário para padronizar a escrita de sinais SW.

Cinza – Eu lembro que no passado o sistema SW era mais detalhado e começou a ser simplificado. Então é possível atualizar o sistema. Concordo sim.

Rosa – Boa pergunta, nunca tinha pensado nisso. Em português há esse processo de simplificação. Na escrita de sinais, também é possível. Ao invés de criar mais 5 ou 6 sistemas de escrita de sinais, é possível aperfeiçoar o sistema, porque isso favorece a economia linguística, melhora o sistema. Não precisa ficar criando outros sistemas, eu concordo.

Vermelho – Eu acho que deve haver um único sistema, porque é possível fazer reformas, porque o mesmo sistema escrito visual é possível de ser atualizado de acordo com o contexto. Essas atualizações são possíveis, porque o contexto discursivo é claro e é possível de ser atualizado. Há vários exemplos do SW que, antigamente, se escrevia de forma mais detalhada, mas que com o tempo foram se desenvolvendo e se tornaram mais econômicas e mais rápidas de serem escritas. Não precisa de outro sistema, um único sistema é possível porque é flexível. (Entrevistas semiestruturadas).

Os informantes acham importante discutir a padronização da escrita de sinais. Para o professor Azul, é necessário discutir uma escrita padronizada e simplificada do sistema SignWriting. Isso facilita a leitura, compreensão e processamento mental. O informante Verde também destaca que ainda não é clara a distinção entre transcrição e escrita, porque muitos pensam que a escrita precisa ser igual a língua sinalizada, mas pode ser mais simplificada. Desta forma, a padronização da escrita da Libras faz-se necessária para desenvolver a difusão e acesso a esse sistema no Brasil. Os informantes também se referem ao processo de simplificação da escrita de sinais. No passado, o sistema SW era mais detalhado. No entanto, com o passar do tempo passou a ser mais econômico e simplificado. Isso possibilita a flexibilização do sistema. Segundo o informante Vermelho, a simplificação do sistema SW é possível, porque é um sistema aberto e flexível. Por isso, podem ser feitas atualizações no sistema, sem a necessidade de se criar novos sistemas, pois o contexto da escrita favorece a clareza e a concisão.

Sobre a criação de outros sistemas, o informante Rosa destaca que “Ao invés de criar mais 5 ou 6 sistemas de escrita de sinais, é possível aperfeiçoar o sistema, porque isso favorece

a economia linguística, melhora o sistema. Não precisa ficar criando outros sistemas” (Entrevista do informante Rosa). Desta forma, a flexibilidade do sistema e suas devidas atualizações com o passar do tempo possibilitam a difusão e implementação de um único sistema de escrita de sinais.

A pergunta 16 é a seguinte: *Você percebe que tem pouco material ou bastante? Por exemplo, artigos, materiais didáticos, livros, imagens no texto em escrita de sinais?* Os entrevistados responderam o seguinte:

Azul - Pouco, muito não, mas eu sempre procuro materiais no site Corpus de Escrita de Línguas de Sinais, que têm materiais, mas não é muito, é pouco. Mas são bons materiais, que eu pego e adapto para atividades em sala de aula.

Verde - Precisa criar mais material didático, precisa criar mais as publicações literárias direto em SW, não tradução.

Entrevistador: *Qual o site mais fácil de acessar o SW?*

Verde - Signpuddle e também o Corpus de Escrita de sinais do Brasil, porque é fácil usar nas aulas.

Cinza – Eu pego mais artigos na internet. Eu uso o livro de escrita de sinais.

Rosa – Há pouco material sobre teria em SW, há poucos materiais didáticos também em SW.

Vermelho – Havia uma apostila de quando eu estudava no curso de Letras: Libras EAD, eu comecei usando ela, além de outras referências de teses e dissertações. Também uso materiais do grupo de Whatsapp de escrita de sinais do Brasil. Anteriormente havia menos materiais, mas a partir de 2015 houve um aumento de materiais disponíveis.

Os entrevistados afirmam que há poucas publicações em SW. Eles sempre precisam adaptar ou criar os materiais didáticos, o que é trabalhoso para todos os professores. Também faltam produções literárias direto na escrita de sinais. É necessário aumentar a Literatura em SW para ensinar a escrita de sinais, porque há muitas traduções do português para a Libras. Por isso, eles podem apresentar os materiais didáticos nos seminários sobre escrita de sinais ou em grupos de pesquisa. Também podem publicar mais materiais didáticos em SW. Portanto, a difusão do sistema SW pode ser propiciada pela produção de publicações diversas para o acesso ao conhecimento e à informação. Quanto mais publicações houver, tanto mais o sistema será acessível, difundido e conhecido pelos sinalizantes da Libras.

A pergunta 17 trata do aumento de ações sobre a escrita de sinais no Brasil: *Na sua opinião sobre ação aqui no Brasil sobre escrita de sinais. Pode falar mais alguma coisa sobre isso, o que precisamos fazer ou melhorar para aumentar nossa área de escrita de sinais.* Eles responderam que:

Azul - Eu quero no futuro criar projetos de extensão para, quando tiver escola bilíngue de surdos aqui na minha cidade, para eu oferecer cursos de extensão e formação de professores para ensinar nessas escolas. A escrita de sinais é importante para as crianças.

Tem pouco material, podia ter em locais públicos como parques, shopping, pontos de ônibus, placas com informações em português e SW. É como em braile em elevadores, poderia colocar em SW também. Poderia ter em todos os lugares, porque as crianças surdas começam a ter contato com o

SW e desenvolvem o letramento, porque no mundo a sua volta tudo está em SW e ela tem contato com sua língua todos os dias. Mas há muito poucos, só vi no parque em Florianópolis, tinha um em Manaus, mas só isso. Precisa aumentar. Com isso, muda a forma de desenvolver o letramento dos surdos, em que todas as coisas estão em escrita de sinais e assim a criança se acostuma. Se tiver escrita de sinais em todos os espaços de uma escola bilíngue de surdos, outras escolas serão influenciadas e passarão a usar também a escrita de sinais.

Exemplo, tem lojas imigrantes chinesas que colocam placas em sua língua, mas não tem lei, pode colocar. Às vezes, entramos em alguns locais com tradução bilíngue em português e mandarim. Então, pode fazer do mesmo jeito, colocar em português e escrita de sinais. (Entrevista do Informante Azul)

O informante Azul argumenta que precisa mais materiais de divulgação e acesso à informação em diversos espaços públicos. Calvet (2007) discute que uma língua e sua escrita são difundidas por meio de diversas estratégias de divulgação como placas, anúncios, publicações em jornais e revistas, livros, gramáticas e dicionários. Nesse sentido, a escrita de sinais também precisa de mais materiais para difusão. Para o autor, depois que a língua e sua escrita são oficializadas, passam a ser difundidas. Necessita-se “de abecedários, manuais, da organização de campanhas de alfabetização, da introdução da língua recém-transcrita no sistema escolar, no meio gráfico.” (CALVET, 2007, p. 64). Da mesma forma, a escrita de sinais necessita de difusão em diversos meios impressos para que a comunidade surda possa conhecer e usufruir desse sistema.

Além disso, o informante Azul fala da necessidade de letramento para as crianças surdas a partir da disponibilização de recursos visuais em SW em diversos espaços públicos. O letramento possibilita que as crianças desenvolvam habilidades de leitura e escrita de forma crítica para melhor interação e inserção social no mundo. Para Silva (2011), o letramento “pressupõe o uso efetivo das práticas sociais que envolvem a língua escrita. Assim, o indivíduo pode ser alfabetizado, mas não ser letrado, ou seja, ele pode dominar o sistema de escrita (alfabético, ortográfico) e não atender às demandas sociais do mundo letrado.” (2011, p. 26).

Desta forma, a escrita de sinais é fundamental para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos surdos de forma crítica e contextualizada. Silva (2009), em sua pesquisa, **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: Signwriting**, propõe uma discussão sobre a compreensão leitora da Libras no sistema *SignWriting*, com alunos surdos que conhecem esse sistema. Analisou de que forma os leitores surdos estruturam o significado por meio dos fatores de textualidade – coesão e coerência. A pesquisa demonstra que os alunos conseguiram compreender as atividades de leitura proposta, evidenciando que ao realizar a leitura em *SignWriting*, os surdos conseguem associar seu conhecimento de mundo às novas informações apresentadas nos textos. Além disso, é possível

perceber que conseguem também ampliar o conhecimento, interpretar de forma precisa e sintetizar as principais informações dos textos.

Silva (2009) destaca que o tempo de leitura não é um fator essencial, pois há leitores com perfil diversos de leitura. Isso ocorre devido a uma multiplicidade de fatores complexos e interrelacionados no texto e fora do texto, tais como conhecimento de mundo do leitor, bagagem cultural, bem como a legibilidade e complexidade do texto. Desta forma, a coerência do texto em escrita de sinais está pautada nos conhecimentos socio-culturais e cognitivos do leitor, ao passo que a coesão está ligada à estruturação do texto.

Silva (2009) propõe também a necessidade de se aprimorar o sistema *SignWriting* de acordo com a realidade brasileira e a estrutura linguística da Libras. Isso contribuirá para o desenvolvimento educacional dos surdos, desenvolvendo habilidades de leitura e compreensão na Libras. Silva (200) enfatiza que a língua portuguesa por si só potencializa, de forma limitada, as capacidades cognitivas de forma mais espontânea.

O informante Verde apresenta o seguinte posicionamento em relação a essa pergunta:

Verde - Há duas questões importantes. A primeira é que as pessoas falam que SW não tem lei, mas dentro da legislação está garantido a Libras, sempre se lê a palavra Libras. Mas a Libras engloba quatro habilidades: sinalizar, visualizar, ler e escrever. Então a Libras inclui quatro modalidades. O português é só para leitura e escrita para os surdos, porque não são obrigados a falar português. Nesse sentido, a Lei é clara. Principalmente, precisa colocar a disciplina de escrita de sinais junto com a de Libras, não é separado, é junto com a disciplina de Libras. Pensa-se que precisa ser disciplinas separadas, não, ensina a Libras e a escrita de sinais na mesma disciplina. No novo PPC da nossa universidade, haverá disciplinas de Libras com escrita de sinais. A segunda questão é formação de professores para ensinar escrita de sinais, precisa haver formação de professores para ensinar Libras junto com SW. (Entrevista do Informante Verde)

O informante Verde argumenta duas questões importantes para se discutir sobre a escrita de sinais. A primeira é que a legislação sobre Libras garante que a escrita de sinais seja ensinada e aprendida junto com essa língua, pois uma língua com escrita envolve sinalizar, visualizar, ler e escrever. Por isso, é preciso que a escrita de sinais seja ensinada junto com a Libras. Assim, o que se precisa é escolher e oficializar um único sistema de escrita de sinais para a escrita de Libras. Visto que o sistema *SignWriting* já é mais difundido do que outros sistemas, deve-se adotar esse sistema. Além disso, a comunidade surda, em geral, vê o sistema *SignWriting* de forma positiva e considera-o um artefato cultural importante para os surdos (STROBEL, 2015).

A segunda questão é a necessidade de formação de professores qualificados para ensinar escrita de sinais nas escolas bilíngues. Em geral, percebe-se que há muitos professores de Libras capacitados no Brasil. No entanto, muitos ainda precisam aprofundar o conhecimento sobre a escrita de sinais para ensinar, de forma integrada, esse sistema junto com a Libras.

Os informantes Cinza, Rosa e Vermelho expressam as seguintes posições:

Cinza – Sim, precisa melhorar, no começo, quando o sistema começou a ser difundido, as pessoas não queriam usar, mas falta prática, conhecimento e informação para saber usar.

Rosa – Acredito que deve continuar, porque ajuda a aprender de fato! Por exemplo, na aula de mestrado eu não sabia um sinal, então como poderia registrar? A escrita de sinais ajuda muito. No celular, é complicado, porque logo enche a memória e não é seguro salvar. Com a escrita de sinais é possível registrar e acessar esse registro.

Vermelho – Sim, precisa aumentar. É igual outras áreas como educação, linguística, literatura, a escrita de sinais também precisa expandir a área de escrita de sinais. É possível incluir todas essas áreas em materiais em escrita de sinais. Precisa lutar mais, para que as crianças possam desenvolver-se cognitivamente devido a sua experiência visual. Também é importante que haja mais divulgação da escrita de sinais nos espaços públicos diversos, nas informações gerais. Os surdos podem se orgulhar de sua escrita de sinais em diversos locais públicos. (Entrevistas semiestruturadas)

Todos os informantes destacam que é importante que haja difusão e informação sobre a escrita de sinais. O informante Rosa destaca que isso facilita o registro de sinais novos e do próprio conhecimento sobre a Libras. O informante Vermelho destaca também a necessidade de difusão do sistema de escrita de sinais em diversos espaços públicos. Desta forma, os surdos poderão ter acesso ao conhecimento na escrita de sinais, desenvolvendo ainda mais suas habilidades cognitivas e fortalecendo sua cultura visual.

Considerações Finais

Esta pesquisa tem por objetivo discutir a implantação de políticas linguísticas da escrita de língua de sinais no Brasil, levando em consideração que não há um único sistema de escrita de sinais para a Libras. Para tanto, analisou-se as perspectivas dos professores de Letras: Libras sobre a possibilidade de se oficializar um único sistema de escrita de sinais para a Libras, visto que há quatro propostas de sistemas de escritas de sinais no Brasil: *SignWriting* (SW), Sistema de Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), Sistema de Escrita para Línguas de Sinais (SEL) e Escrita Visogramada das Línguas de Sinais (VisoGrafia).

Os professores relatam que o sistema *SignWriting* é mais difundido no Brasil. Esse sistema também é ensinado em todas as universidades pesquisadas, de acordo com as entrevistas. Mas os professores afirmam que há poucos materiais didáticos e acadêmicos disponíveis para o ensino e a pesquisa. Por isso, há muitos desafios para ensinar o *SignWriting*. O informante Rosa informa que o ensino desse sistema é mais desafiador para os surdocegos, porque é necessário adaptar os materiais específicos para esses alunos. Então, é necessário aumentar as publicações e materiais didáticos em escrita de sinais para estimular o ensino e o acesso à informação e ao conhecimento em SW.

Assim, foi possível discutir sobre a oficialização e padronização do sistema *SignWriting*. Todos os professores opinam que é fundamental que seja oficializado e padronizado apenas um sistema de escrita de sinais. eles afirmam que deve ser escolhido o sistema *SignWriting*, porque é mais visual, icônico e é fácil e claro de ser percebido. Em geral, os alunos surdos e ouvintes gostam e elogiam a escrita de sinais. Em relação à oficialização de um sistema, verificou-se que ainda não há línguas de sinais que tenham sistemas de escrita oficializados. Percebe-se, porém, que o sistema *SignWriting* é o mais difundido no mundo todo nas diversas línguas de sinais. Isso sugere que já ocorre um processo de oficialização implícito em curso.

Em relação à padronização, as pesquisas demonstram algumas possibilidades de se adaptar e simplificar o SW para uma escrita mais econômica. As pesquisas de Nobre (2011) e Morais (2016) apontam que o sistema é flexível e aberto, sendo possível criar e simplificar os glifos do sistema *SignWriting*. Os professores também consideram que, assim como em português é possível haver reformas ortográficas, em SW também é possível aperfeiçoar o sistema para a economia da escrita.

A pesquisa de Barbosa (2017) faz uma comparação entre o *SignWriting* e a ELiS, considerando a funcionalidade gramatical dos sistemas. Como resultado, a autora aponta que o SW possibilita a escrita completa, porque possui mais glifos e é possível escrever os sinais com suas expressões não-manuais. Estas expressões não-manuais são importantes para a fonologia, morfologia e sintaxe da Libras. Por outro lado, a ELiS não tem as expressões não-manuais. A ausência das expressões não-manuais pode comprometer a compreensão da Libras. Em algumas frases, se não houver expressões não-manuais elas podem ser consideradas agramaticais. Esse é um desafio que a escrita de sinais precisa resolver no processo de padronização e reforma do sistema.

A oficialização de um sistema de escrita de sinais pode contribuir significativamente para a difusão da Libras na forma escrita, a educação bilíngue de surdos, acesso à informação e ao conhecimento. Como foi observado, os argumentos dos professores, bem como documentos sobre a educação de surdos defendem que o sistema *SignWriting* deve ser oficializado como o único sistema de escrita de sinais no Brasil. Além disso, as pesquisas realizadas até o momento sobre escritas de sinais apontam para a flexibilidade e viabilidade do uso desse sistema nos diversos espaços de comunicação e aprendizagem da comunidade surda no Brasil.

Os entrevistados argumentam que é necessário adotar um único sistema de escrita de sinais do Brasil, bem como este sistema deve ser difundido nos diversos espaços sociais, educacionais e de acesso à informação. Todos os informantes defendem que o sistema

SignWriting deve ser oficializado como único sistema de escrita de sinais no Brasil, porque se trata do sistema mais difundido no Brasil e no mundo. Por fim, apresentamos algumas ações para a implementação do sistema de escrita de sinais *SignWriting* no Brasil.

Com as entrevistas realizadas, eu percebi que os entrevistados conhecem mais o sistema *SignWriting* e menos os outros sistemas. Relatam que há poucos cursos dos sistemas ELiS, SEL e VisoGrafia e que há mais cursos e difusão do sistema *SignWriting*.

Além disso, os entrevistados relatam a necessidade de oficializar um sistema de escrita de sinais. Nesse sentido, deve-se começar a ensinar o sistema *SignWriting* desde os primeiros anos de escolarização. Nesse sentido, deve-se buscar ensinar a escrita de sinais junto com a disciplina de Libras para que a criança consiga desenvolver a aquisição da escrita de forma plena. Portanto, é necessária a difusão do sistema *SignWriting* no acesso ao conhecimento, à informação e na educação de surdos. Desta forma, os surdos terão mais oportunidades de desenvolver sua língua, cultura, literatura e identidade no sistema de escrita de sinais *SignWriting*.

Referências

- ADAM, R. Standardization of Sign Languages. *Sign Language Studies*, Volume 15, Number 4, Summer 2015, pp. 432-445
- AMPESSAN, J. P. **A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema SignWriting**. 197 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2015
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ARAÚJO, A. B. **SignWriting como Suporte para leitura de textos escritos em português**. 24 f. Artigo (Curso de Graduação Letras: Libras) – Universidade Federal do Tocantins, 2019.
- BALSAN, R.; LIMA, P. A. P.; RIBEIRO, L. J. G. S.; BARBOSA, G. O.; FERRARO, J. R. Roteiro Geo-Turístico de Porto Nacional: memória socioespacial e educação patrimonial. In: BALSAN, R.; RIBEIRO, L.; BRASSANIN, C. **Roteiro Geo-Turístico de Porto Nacional: reflexões de ensino, pesquisa e extensão**. Palmas, TO: Ed. da UFT, 2020.
- BARBOSA, Gabriela Otaviani. **A arte de escrever em libras**. 182 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem Mistérios**. 2ª Edição. Salvador: Libras Escrita, 2015.
- BEHARES, L. E.; BROVETTO, C.; CRESPI, L. P. Language Policies in Uruguay and Uruguayan Sign Language (LSU). *Sign Language Studies*, Volume 12, Number 4, Summer

2012, pp. 519-542

BOZÓLI, Daniele Miki Fujikawa. **Educação bilíngue de surdos: o uso da escrita de sinais SignWriting na aprendizagem do português como segunda língua**. 213 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

BRASIL. Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Disponível em: <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em 5 fevereiro de 2024.

BRASIL. Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> acesso em 5 de fevereiro de 2024.

BROWN, D. **Teaching by Principles**. Londres: Oxford, 2012.

CALVET, L-J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras**. I. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KRAUSNEKER, V. Ideologies and Attitudes toward Sign Languages: An Approximation. **Sign Language Studies**, Volume 15, Number 4, Summer 2015, pp. 411-431

LAGARES, X. C. **Qual Política Linguística? Desafios Glotopolíticos Contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2018.

LEÃO, R. J. B. **Políticas Linguísticas em Escrita de Sinais**. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, 2019a.

LEÃO, R. J. B. Por uma política linguística em escrita de sinais no Tocantins. In: CARNEIRO, B. G.; LEÃO, R. J. B.; MIRANDA, R. G. (Orgs.). **Língua de Sinais, Identidades e Cultura Surda no Tocantins**. Vol. 1. North Charleston: Amazon Digital Services, 2019b.

MCKEE, R. L.; MANNING, V. Evaluating Effects of Language Recognition on Language Rights and the Vitality of New Zealand Sign Language. **Sign Language Studies**, Volume 15, Number 4, Summer 2015, pp. 473-497.

OLIVEIRA, G. M. A ‘virada político-linguístico’ e a relevância social da linguística e dos linguistas. In: CORREA, D. A. (org.). **A relevância social da linguística. Linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola: Ponta Grossa: UEPG, 2007, p. 79-93.

RAJAGOPALAN, K. Política Linguística: do que é que se trata afinal? In: NICOLAIDES, C.;

- SILVA, K.A.; TÍLIO, R. (Orgs.) **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes, 2013.
- REAGAN, T. **Language Policy and Planning for Sign Languages**. Gaullaudet: Gaullaudet, 2010
- SHOHAMY, E. **Language policy: Hidden agendas and new approaches**. Londres: Routledge, 2006.
- SILVA, Fábio Irineu. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: Signwriting**. 114 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- SILVA, Vanessa, S. **Letramento e ensino de gêneros**. Educ. Foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 19-40, mar./ ago. 2011.
- STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.
- STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. A. (Orgs.) **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2021. 5 Vol.
- STUMPF, M.R.; QUADROS, R.M.(Orgs.) **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Vol. IV. Florianópolis: Editora Insular, 2018.
- STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema signwriting: línguas de sinais no papel e no computador**. 2005. 330 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Curso de Pós-Graduação em Informática da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- WANDERLEY, Débora Campos. **A classificação dos verbos com concordância da língua brasileira de sinais: uma análise a partir do SignWriting**. 336 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- WANDERLEY, Débora Campos. **Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos de educação básica e de universitários surdos e ouvintes**. 192 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.